



...E agora meus ombros se retesavam não pelo que eu via, mas no afã de captar ao menos uma palavra. Palavra? Sem a mínima noção do aspecto, da estrutura, do corpo mesmo das palavras, eu não tinha como saber onde cada palavra começava ou até onde ia. Era impossível destacar uma palavra da outra, seria como pretender cortar um rio a faca. Aos meus ouvidos o húngaro poderia ser mesmo uma língua sem emendas, não constituída de palavras, mas que se desse a conhecer só por inteiro. E o avião reapareceu na pista, numa imagem distante, escura, estática, que salientava mais ainda a voz masculina da locução em off. A notícia do avião já pouco me importava, o mistério do avião era ofuscado pelo mistério do idioma que dava a notícia.

Movido pelas palavras

Chico Buarque confirma a identidade de escritor em seu livro 'Budapeste'

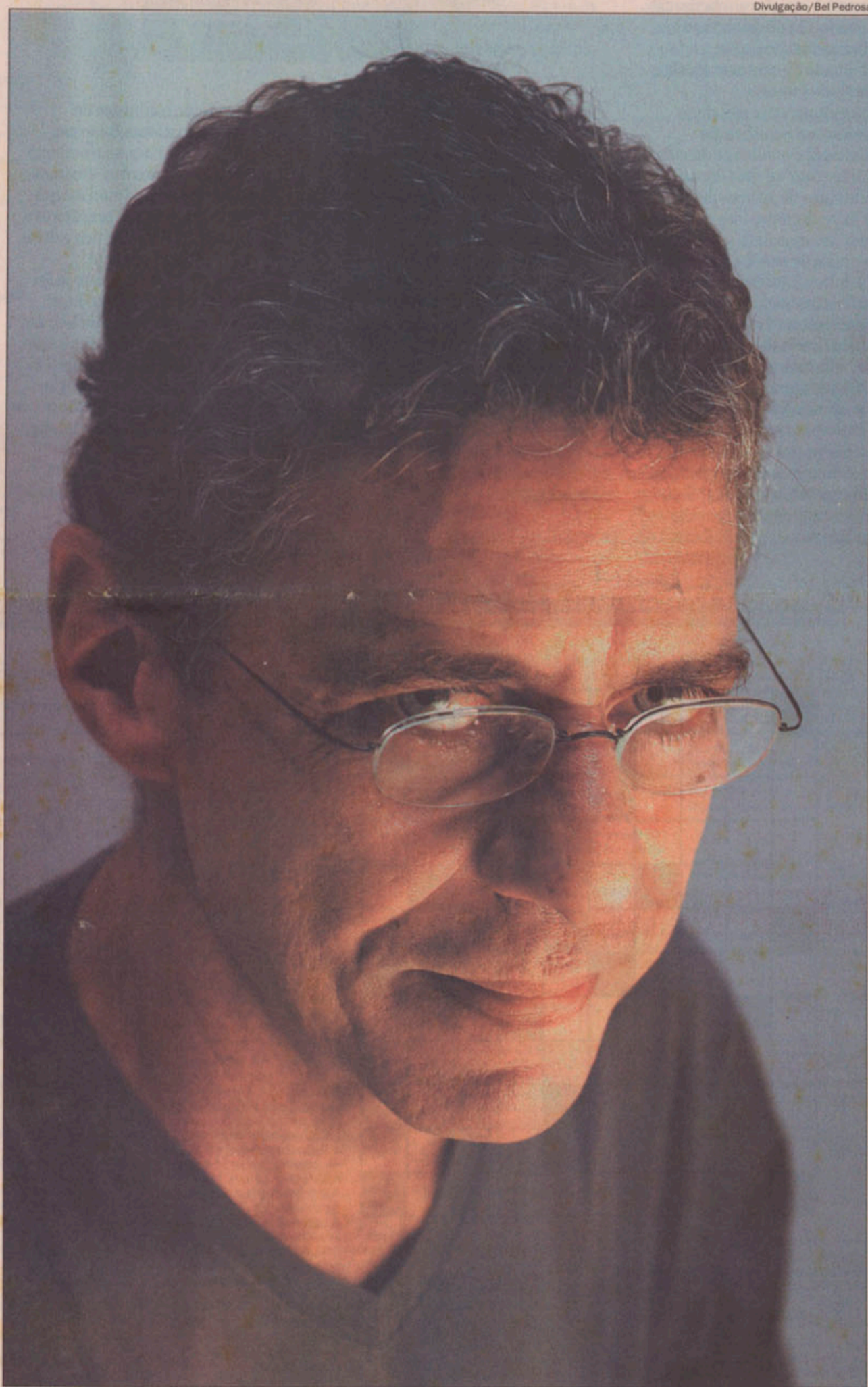
BEATRIZ RESENDE

Impossível iniciar a leitura de um romance de Chico Buarque sem ter em mente que o autor é o nosso Chico Buarque de Holanda, cantor de voz e olhos sedutores, compositor domador das palavras, criador de grandes versos em nossa língua, poeta de difíceis amores ou do cotidiano mais prosaico. Impossível não lembrar o músico coerente e combativo quando a liberdade, entre nós, escasseava, capaz de driblar a censura sob a identidade de Julinho da Adelaide, musicar o exílio e celebrar a volta ao país. Impossível não cantarolar em surdina sua celebração da cidade adotada, com malandros e meninas nos sinais, ou das outras cidades, a do pai paulista ou a do avô pernambucano.

Ao chegar a sua terceira obra literária de ficção, porém, Chico Buarque não pode mais deixar de ser reconhecido – e apresentado ao público – como romancista. Com *Estorvo*, de 1992, conseguiu, ao mesmo tempo, enorme sucesso de vendas e pleno reconhecimento da crítica, inclusive a acadêmica, além do prêmio Jabuti. *Benjamin*, de 1994, não teve a mesma recepção, mas também não deixou de marcar seu espaço, sobretudo entre os leitores. Nem por isso conseguimos deixar de lado a imagem do músico que ajudou mais de uma geração a recompor sua identidade cultural e o sentimento de pertencimento a uma língua e a um país. Como, então, conciliar o novo personagem, o do escritor, com o anterior, do músico, como conviver simultaneamente com os duas expressões de um ofício tão ciumento como é a arte? Tal tarefa não há de ser fácil também para o autor, neste momento tão profundamente empenhado em suas novas tarefas intelectuais, a ponto mesmo de relegar, nos últimos tempos, a um segundo plano a persona original.

Pois é justamente do escritor e sua identidade mutante, sua suje-

Romance trata do escritor e as suas identidades mutantes



O ESCRITOR deixou de ler outros livros e compor durante o período em que escreveu a história passada na Hungria

tividade cambiante, seu desdobrar-se em outro, que trata *Budapeste*, seu último romance, que chega às livrarias pela Companhia das Letras.

Por mais que Roland Barthes tenha preconizado a morte do autor, ou Michel Foucault tenha transformado a questão nas diversas funções-autor que se manifestam de formas diferentes, todo grande e importante romance é sempre a expressão da grande questão que persegue, atormenta ou fascina o escritor, obsessão que pode aparecer das formas as mais diversas: em identidades modificadas ou espaços transfigurados, sob expressões realistas ou fantásticas, através de narrativas circulares ou lineares, explícita ou dissimulada. Mas, de um modo ou de outro, a grande questão do autor estará lá, no Conselheiro Aires ou em *Madame Bovary*, em *Diadorim*, em *Dom Quixote de la Mancha* ou em *Macunaíma*.

Budapeste é a história de um homem que vive das palavras, movido pelas palavras, perseguido pelas palavras e que pelas palavras se desdobra nele mesmo e em seu duplo. José Costa é o anônimo escritor que escreve pelos outros: poderosos, vaidosos,

Grandes obras são sempre sobre as obsessões do escritor

políticos ambiciosos, gente famosa. O preço e a condição de seu sucesso estão na opção por ser um desconhecido, ocultando de todos, até da mulher, seu real interesse pela criação literária. Um congresso de escritores anônimos faz com que vá parar em *Budapeste* e o faz defrontar-se com o húngaro, "única língua do mundo que, segundo as más línguas, o diabo respeita". A partir daí surge também o Zsoze Kósta e o personagem se moverá entre dois idiomas, o seu e o que passa a desafiá-lo, entre duas mulheres e entre duas cidades. Com Vanda, sua mulher no Brasil, não gasta palavras: "mimando cada palavra que punha no papel, não me sobravam boas palavras para ela". Com Kriska, em *Budapeste*, para vencer o silêncio – "duas pessoas não se equilibram muito tempo lado a lado, cada qual com seu silêncio" – precisa encontrar as melhores, as mais precisas palavras.

► BUDAPESTE CONTINUA NA PÁGINA B5

Um parágrafo por dia

ANABELA PAIVA

Budapeste, a história de um *ghost-writer* atormentado pelo ciúme da mulher e da sua obra, dividido entre Rio de Janeiro e a capital húngara, é provavelmente o livro mais leve e divertido de Chico Buarque. Da primeira à última página, os olhos percorrem gostosamente as palavras, que se encaixam naturalmente como mão e luva. Uma simplicidade precisa que talvez tenha exigido mais tempo e concentração do autor do que seus livros an-

teriores, *Estorvo* e *Benjamin*.

– Nos outros livros, ele escrevia uma página por dia. Neste, havia dias em que ele só escrevia um parágrafo – conta o editor Luiz Schwarcz, da Companhia das Letras.

Foram dois anos de trabalho, alongados por uma reviravolta radical na trama. Inicialmente, Chico escreveu a história de um arquiteto. Depois decidiu trocar de personagem:

– Ele ligou para saber se eu conhecia algum livro sobre um *ghost-writer*. Eu disse que

mesmo que houvesse, não seria problema. Ele encerrou: "não fale isso pra ninguém".

Foi o máximo que o editor conseguiu saber sobre o livro até que ele chegou nas suas mãos, trazido por um *courier*, depois que Chico lhe telefonou e comunicou, em julho: "Nasceu, sem cesariana, sem fórceps, de parto natural. Pode mandar buscar."

No livro, para aprender húngaro, o escritor José Costa precisa deixar de falar ou ler em outras línguas. Da mesma forma, Chico quase não leu

outros livros e deixou o violão juntar poeira durante o tempo em que escreveu o romance.

– A única vez em que ele pegou o violão foi para compor com Dori Caymmi a canção *Fora de Hora*, escrita para o filme *Lara* – conta o assessor de imprensa Mario Canivello.

Para ter tranquilidade, Chico chegou a comprar um apartamento no mesmo prédio onde mora, no Alto Leblon, para fazer seu escritório. Lá, ele trabalhava com

seus dicionários – um português-húngaro, e o seu inseparável *Caldas Aulete* –, sem telefone ou visitas.

Em silêncio, deve ter sido mais fácil viajar a uma *Budapeste* imaginária. No livro, Chico descreve em detalhes as cidades gêmeas Buda e Pest, separadas pelo rio Danúbio, sem nunca ter pôsto os pés na Hungria. Uma experiência que encontra ecos numa viagem frustrada anos atrás, quando decidiu ir para a Turquia e passou semanas pesquisando sobre o país. A

história é de Canivello:

– Ele não tinha providenciado o visto. Mas disse que a melhor viagem ele já tinha feito, na cabeça.

Sem noites de autógrafa e rodadas de entrevistas, os 50 mil exemplares de *Budapeste* chegam às livrarias com uma campanha baseada mais no texto que na imagem do autor. Cinemas irão exibir um comercial em que apenas a sua voz aparece. Nada mais apropriado para um escritor que escreve sobre o prazer e a dor de criar no anonimato.

Livro dentro do livro

BUDAPESTE

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA B1

No Rio, onde circula entre as ruas de Ipanema e Copacabana, escreve a autobiografia romanceada de um estranho personagem, o alemão Kaspar Krabbe. A divertida e sensual história do homem que ia escrevendo o relato de sua vida sobre o corpo de várias mulheres, *O Ginógrafo*, torna-se um grande sucesso. A partir daí os conflitos entre identidades reais ou forjadas, entre o revelar-se e o desaparecer irão se multiplicar, cada relato saindo do anterior. De volta à dura Budapeste – “custei a aprender que para conhecer uma cidade, melhor que percorrê-la em ônibus é se fechar num aposento dentro dela” –, o húngaro não é mais mistério e para ganhar a vida é possível

até escrever uma dissertação no dialeto székely (lembram de *O homem que sabia javanês*, de Lima Barreto?). Em mais um mergulho na fala alheia, ousa, então, escrever os *Terceiros secretos*, no estilo do poeta Kocsis Ferenc. Em tempos de

Uma divertida história do homem que escreve em mulheres

valorização da paródia, de convívio com simulacros e do uso e abuso dos textos alheios, em apropriações legítimas ou não, tudo isso nos soa incrivelmente próximo.

À maneira dos relatos de Cortazar ou das narrativas do Borges de *Ficções*, cada vez mais, narrar e ser narrado confundem-se, como se confundem autor e persona-

gem, criador e criatura. Mas a arte literária nunca é inocente e praticar a escrita, sua ou alheia, pode se tornar o mais ameaçador dos ofícios, mesmo para quem, como nosso personagem, está seguro de ser a literatura “das artes a única que não precisa se exhibir”.

Ao final, o enigma que resulta insolúvel é, ainda uma vez, o mistério da criação: de vida, de arte, de textos. Terminada a viagem por este “mapa de uma pessoa” e concluída a leitura de *Budapeste*, só nos resta desejar, por amor à música, que nosso cantor e compositor consiga desdobrar-se em suas múltiplas identidades. A do romancista já se impôs.

Beatriz Resende é professora da UNIRIO e pesquisadora